O quarto de Giovanni

James Baldwin

O quarto de Giovanni

Tradução de Valério Romão

ALFAGUARA

A Lucien

«Eu sou o homem, eu sofri, eu estava lá.»

Walt Whitman

PRIMEIRA PARTE

UM

A noite cai e eu estou à janela desta bela casa no sul de França, a noite que me conduz à mais terrível manhã da minha vida. Tenho um copo na mão e uma garrafa junto ao cotovelo. Olho para o meu reflexo no brilho cada vez mais pálido da janela. O meu reflexo é alto, talvez um pouco como uma seta, o meu cabelo louro brilha. O meu rosto é como um rosto que vocês já viram muitas vezes. Os meus antepassados conquistaram um continente, atravessando planícies repletas de morte até chegarem a um oceano virado de costas para a Europa e de frente para um passado mais sombrio.

Talvez pela manhã esteja bêbedo, mas não me servirá de nada. Apanharei na mesma o comboio para Paris. O comboio será o mesmo comboio de sempre; as pessoas, esforçando-se por conseguirem algum conforto e até mesmo dignidade nos assentos verticais de madeira da terceira classe, serão as mesmas, e eu serei o mesmo. Atravessaremos as mesmas paisagens campestres em direcção a Norte, deixando para trás as oliveiras e o mar e a glória do céu tempestuoso do Sul em direcção ao nevoeiro e à chuva de Paris. Alguém se oferecerá para partilhar uma sanduíche comigo, alguém me oferecerá um pouco de vinho, alguém me pedirá um fósforo. Haverá pessoas vagueando pelos corredores e olhando pelas janelas, olhando para nós. Em cada paragem, recrutas nos seus uniformes castanhos e largueirões e barretes coloridos abrirão a porta do compartimento para nos perguntar: *«Complet?»* Acenaremos todos «sim» com a cabeça, como conspiradores, sorrindo

discretamente uns para os outros enquanto eles avançam comboio fora. Dois ou três deles acabarão por estacionar à frente da nossa porta, a gritar uns com os outros naquelas vozes graves e obscenas e a fumar aqueles horríveis cigarros da tropa. À minha frente estará sentada uma rapariga a perguntar a si própria porque é que não flirto com ela, nervosa com a presença dos recrutas. Tudo estará na mesma, apenas eu estarei mais silencioso.

E o campo está silencioso esta noite, este campo espelhado no meu reflexo no vidro da janela. Esta casa fica na periferia de uma estância de férias de Verão — está vazia, a temporada ainda não começou. Situada sobre um pequeno monte, dali consegue-se ver as luzes da cidade e ouvir o barulho do mar. Eu e a minha namorada, a Hella, alugámos este espaço quando estávamos em Paris, há alguns meses, pelas fotos que vimos. Ela partiu há uma semana. Está no mar alto, de regresso à América.

Imagino-a, muito elegante, tensa, brilhante, rodeada pela luz que inunda o salão do transatlântico, bebendo depressa demais, rindo, atenta aos homens. Foi assim que a conheci, num bar em Saint-Germain-des-Prés, ela bebia e olhava, e foi por isso que gostei dela, achei que seria alguém com quem seria divertido divertir-me. Foi assim que começou e foi tudo quanto aquilo significou para mim; não tenho a certeza agora, apesar de tudo, de que alguma vez tenha significado algo mais para mim. E acho que não significou nunca mais do que isso para ela — pelo menos até viajar por Espanha e, encontrando-se lá, sozinha, começar a pensar se uma vida inteira a beber e a controlar homens era exactamente o que queria. Mas nessa altura já era demasiado tarde. Eu já estava com o Giovanni. Pedira-a em casamento antes de ela partir para Espanha; e ela rira-se e eu rira-me, mas isso, de algum modo, tornou a coisa mais séria para mim, e persisti; e então ela disse que teria de partir e que pensaria nisso.

E, na última vez que cá esteve, na última noite em que a vi e enquanto ela fazia a mala para partir, disse-lhe que a amara um dia e forcei-me a acreditar nisso. Mas pergunto-me se é verdade. Pensava sem dúvida nas nossas noites na cama, na peculiar mistura de inocência e segurança que nunca mais se repetirá e que fazia daquelas noites uma delícia sem igual, sem qualquer relação com passado, presente ou o que estivesse por vir, sem qualquer relação, por fim, com a minha vida, dado que a minha participação nelas era de uma responsabilidade estritamente mecânica. Estas noites decorriam sob um céu estrangeiro, sem testemunhas, sem quaisquer punições associadas — e foi isso a nossa desgraça, pois nada é mais insuportável, assim que se obtém, do que a liberdade. Suponho que tenha sido por isso que a pedi em casamento: para ter uma âncora. Talvez tenha sido por isso que ela, em Espanha, decidiu casar comigo. Mas, infelizmente, as pessoas não podem inventar as suas âncoras, os seus amantes e os seus amigos, tal como não podem inventar os seus pais. A vida dá-os e também os tira, e a verdadeira dificuldade é dizer «sim» à vida.

Pensava — quando disse à Hella que a tinha amado — naqueles dias em que ainda nada de horrível ou de irrevogável me tinha acontecido, naqueles dias em que um caso não era mais do que um caso. Desta noite em diante e a partir desta manhã que se avizinha, não importa quantos leitos acabe por conhecer entre o presente e o de morte, nunca mais conseguirei ter um desses casos adolescentes e intensos (que apenas são, quando um sujeito pensa nisso, uma forma mais elevada ou pelo menos mais pretensiosa de masturbação). As pessoas são demasiado diversas para serem tratadas com tanta ligeireza. Eu sou demasiado diverso para ser confiável. Se assim não fosse, não estaria esta noite sozinho nesta casa. A Hella não estaria no mar alto. E o Giovanni não estaria condenado a morrer, algures entre esta noite e a manhã que se aproxima, guilhotinado.

*

Arrependo-me agora — e serve de quê? — de uma das mentiras que disse de entre as muitas que disse, que vivi e em que acreditei. É a mentira que contei ao Giovanni mas em que nunca consegui que ele acreditasse: que eu nunca tinha dormido com um rapaz antes dele. Acontecera. Acontecera e eu decidira que nunca mais aconteceria. Há qualquer coisa de inacreditável nesta imagem que tenho agora de mim próprio: ter fugido para tão longe com uma tal raiva, ter inclusive atravessado o oceano, apenas para me ver regressado à presença do buldogue no meu quintal, quintal que, entretanto, encolheu, enquanto o buldogue cresceu.

Durante muitos anos não pensei naquele rapaz — no Joey; mas esta noite revejo-o com clareza. Foi há muito tempo. Eu era um adolescente ainda, ele tinha a minha idade, mais ano menos ano. Era um rapaz muito simpático, vivo, moreno, e estava sempre a rir. Durante algum tempo, foi o meu melhor amigo. Mais tarde, a própria ideia de que alguém assim pudesse ter sido o meu melhor amigo era a prova de que algo em mim estava muito errado. Pelo que me esqueci dele. Mas esta noite lembro-me muito bem dele.

Era Verão, estávamos de férias. Os pais dele tinham ido algures de fim-de-semana e eu estava a passar esses dias na casa dele, perto de Coney Island, em Brooklin. Nós na altura também morávamos em Brooklin, mas num bairro melhor do que o do Joey. Acho que tínhamos estado na praia, nadando um pouco e olhando para as miúdas quase nuas a passar, a assobiar-lhes e a rir. Tenho a certeza de que se uma das raparigas a quem assobiámos tivesse esboçado uma resposta o oceano não teria sido fundo o suficiente para afogar a nossa vergonha e o nosso terror. Mas as miúdas tinham alguma noção disso, sem dúvida,

talvez pela forma como assobiávamos, e ignoraram-nos. Quando o Sol começou a pôr-se, fomos andando para a casa dele, pelo caminho rente à praia, com os fatos de banho molhados sob as calças.

Acho que começou no chuveiro. Eu sei que senti qualquer coisa — quando naquele espaço exíguo e repleto de vapor nos chicoteámos um ao outro com toalhas molhadas — que nunca sentira e que, misteriosa e vagamente, o incluía. Lembro-me de me vestir muito relutantemente, culpando o calor. Mas vestimo-nos — mais ou menos — e comemos coisas frescas que tirámos do frigorífico dele e bebemos imensa cerveja. Devemos ter ido ao cinema. Não consigo imaginar outra razão para sairmos de casa e lembro-me de caminharmos pelas ruas escuras e tropicais de Brooklin com o calor a subir do chão escaldante para ricochetear nas paredes com força suficiente para matar um homem, e de todos os adultos do mundo — assim o parecia — estarem sentados nos patins das casas, desgrenhados e barulhentos, e de todas as crianças do mundo andarem pelos passeios ou pelas valetas ou estarem penduradas nas escadas de incêndio, e do meu braço sobre o ombro de Joey. Acho que tinha orgulho de a cabeça dele me dar pela orelha. Passeávamos e Joey dizia umas piadas porcas e ríamo-nos. Estranho lembrar-me, pela primeira vez em tanto tempo, quão bem me senti nessa noite, quanto carinho senti por Joey.

Quando regressámos pelas mesmas ruas estava tudo silencioso; também nós estávamos silenciosos. Continuámos silenciosos no apartamento e despimo-nos sonolentamente no quarto de Joey e enfiámo-nos na cama. Adormeci e acho que dormi um bom bocado. Mas acordei com a luz acesa e dei com o Joey a examinar a almofada com uma atenção desmedida e feroz.

— Que se passa?

— Acho que fui mordido por um percevejo.

— Que nojo! Esta cama tem percevejos?
— Acho que um me mordeu.
— E já tinhas sido mordido?
— Não.
— Então dorme. Estavas a sonhar.

Olhou para mim com a boca aberta e com aqueles olhos enormes. Era como se tivesse descoberto que eu era perito em percevejos. Ri-me e agarrei-o pela cabeça como Deus sabe o tinha já feito tantas vezes, quando brincava com ele ou quando ele me chateava. Mas dessa vez quando lhe toquei aconteceu algo nele e em mim que tornou aquele toque diferente de qualquer outro contacto que qualquer um de nós tivesse experimentado. E ele não resistiu, como normalmente acontecia, deixando-se ficar no sítio para onde o puxara, o meu peito. Dei conta de que o meu coração batia de um modo terrível e de que o Joey, encostado a mim, tremia, e de que a luz no quarto era muito brilhante e quente. Comecei a mexer-me e tentei fazer uma piada, mas o Joey murmurou qualquer coisa e eu inclinei a cabeça para o ouvir. O Joey baixou a cabeça e eu ergui a minha e beijámo-nos como que por acidente. Nesse momento e pela primeira vez na minha vida, eu tomava consciência do corpo de outra pessoa, do cheiro de outra pessoa. Tínhamos os braços à volta um do outro. Era como ter na mão um pássaro raro que miraculosamente achara, exausto e quase condenado. Estava muito assustado; tenho a certeza de que ele também estava muito assustado, e fechámos os olhos. O facto de me lembrar disto tão clara e dolorosamente esta noite faz-me pensar que na verdade nunca por um instante me esqueci. Neste momento preciso sinto em mim uma agitação indistinta e terrível, a mesma que senti tão violentamente naquela noite. Uma sede que queimava, tremores e uma ternura tão dolorosa que pensei que o meu coração iria explodir. Mas daquela dor profunda e intolerável adveio prazer; cada um

de nós deu prazer ao outro naquela noite. Pareceu-me na altura que uma vida inteira não seria suficiente para cumprir adequadamente o acto do amor com Joey.

Mas essa vida inteira foi curta, coube toda naquela noite, pois acabou na manhã seguinte. Acordei e o Joey estava ainda a dormir, enroscado com um bebé, de lado, virado para mim. Parecia mesmo um bebé, tinha a boca semiaberta, a cara rosada, o cabelo manchava a almofada de preto e escondia parte da testa curva e suada e o sol de Verão fazia brilhar levemente as suas longas pestanas. Estávamos ambos nus e o lençol que usáramos para nos tapar enrolara-se nos nossos pés. O corpo do Joey, moreno e suado, era a mais bela criação que vira até àquele momento. Ia tocá-lo para o acordar, mas algo me travou. Subitamente, tive medo. Talvez por ele parecer tão inocente ali deitado, tão completamente em segurança; talvez por ele ser tão mais pequeno do que eu; o meu próprio corpo pareceu-me naquele momento grosseiro e esmagador e o desejo que em mim crescia pareceu-me monstruoso. Mas, acima de tudo, tive medo. Ocorreu-me: «Joey é um rapaz!» Subitamente, senti o poder das suas coxas, dos seus braços, dos seus punhos semicerrados. O poder e a promessa e o mistério daquele corpo assustaram-me. Aquele corpo pareceu-me subitamente a entrada escura de uma caverna na qual seria torturado até à loucura, na qual perderia a minha virilidade. Justamente, eu queria conhecer aquele mistério e sentir aquele poder e ver aquela promessa cumprir-se em mim. O suor nas minhas costas gelou. Fiquei cheio de vergonha. A própria cama era, na sua desordem suave, testemunha da vileza. Imaginei o que diria a mãe do Joey quando visse os lençóis. Depois pensei no meu pai, que não tinha mais ninguém no mundo senão eu, a minha mãe tendo falecido era eu pequeno ainda. Uma caverna abriu-se-me na mente, negra, cheia de rumores, de sugestões, de histórias semiouvidas, semiesquecidas,

semipercebidas, cheias de palavrões. Cri ver o meu futuro naquela caverna. Tive medo. Apeteceu-me chorar, chorar de vergonha, de terror, chorar por não perceber como é que aquilo me tinha acontecido, como é que aquilo tinha acontecido *em* mim. E tomei uma decisão. Levantei-me da cama e quando o Joey acordou eu já tinha tomado um duche, já me tinha vestido e preparara o pequeno-almoço.

Não lhe comuniquei o que decidira: tive medo de que isso minasse a minha determinação. Não esperei por ele para tomar o pequeno-almoço, bebi apenas café e arranjei uma desculpa para ir para casa. Eu sabia que o Joey não ia acreditar, mas ele não sabia protestar ou insistir, ele não sabia que era apenas isso que teria de ter feito. E, a partir dali, eu, que tinha estado com ele naquele Verão praticamente todos os dias, não o vi mais. Ele não me foi ver. Teria ficado muito feliz de o ver, acaso ele viesse ter comigo, mas o modo como o deixara naquele dia criou um constrangimento que nenhum de nós sabia resolver. Quando finalmente o vi, mais ou menos acidentalmente, perto do fim do Verão, inventei uma longa história, completamente falsa, acerca de uma rapariga com quem andava, e quando as aulas recomeçaram passei a andar com um grupo de miúdos mais velhos e rudes e era bastante sacana para o Joey. E quanto mais isso o entristecia, mais sacana eu era. Ele acabou por ir morar para outro lado, para longe daquele bairro, desapareceu da escola e nunca mais o vi.

Talvez tenha descoberto a solidão naquele Verão e talvez tenha começado também, naquele Verão, a fuga que me levou até esta janela onde lá fora escurece pouco a pouco.

Ainda assim, quando se começa a procurar o momento crucial, o momento definitivo, o momento que mudou todos os restantes, um tipo dá por si percorrendo com muito esforço e dor um labirinto de falsos sinais e portas fechando-se repentinamente. A minha fuga pode

de facto ter começado naquele Verão — o que não me diz no entanto onde encontrar o germe do dilema que se transformou, naquele Verão, em fuga. Claro que está algures diante do meu nariz, trancado naquele reflexo que vejo na janela enquanto anoitece lá fora. Está aprisionado neste quarto comigo, sempre esteve e sempre estará, e no entanto é-me mais estranho do que aqueles montes estranhos, lá fora.

Naquela altura morávamos em Brooklin, como disse. Vivêramos também em São Francisco, onde nasci e onde a minha mãe foi enterrada, e vivemos algum tempo em Seattle, depois em Nova Iorque (Nova Iorque, para mim, é Manhattan). Mais tarde, mudámo-nos de Brooklin para Nova Iorque novamente, e quando vim para França o meu pai e a sua nova mulher tinham progredido na vida, moravam no Connecticut. Nessa altura, é claro que há muito que estava por minha conta e morava num apartamento do lado oriental de Manhattan, na zona da Rua Sessenta.

Na minha infância e adolescência era eu, o meu pai e a irmã solteira dele. A minha mãe dera entrada no cemitério quando eu tinha cinco anos. Mal me lembrava dela e ainda assim aparecia-me em pesadelos, os olhos cegos cheios de vermes, o cabelo seco como metal e quebradiço como galhos, procurando apertar-me contra o seu corpo; aquele corpo putrescente, tão repugnante de tão mole que se abria, enquanto eu gritava e me debatia, numa fenda enorme capaz de me engolir vivo. Mas quando o meu pai ou a minha tia acorriam ao meu quarto para perceber o que acontecera, eu não ousava contar-lhes este sonho, parecia-me desleal para com a minha mãe. Dizia simplesmente que tinha sonhado com um cemitério. Acabaram por concluir que a morte da minha mãe tivera um efeito perturbador na minha imaginação e talvez tenham pensado que eu estava de luto por ela. E talvez tenha estado, mas, a ser isso, então ainda estou.

O meu pai e a minha tia davam-se muito mal e eu, sem saber porquê ou como o sentia, tinha a sensação de que aquele longo conflito tinha tudo que ver com a minha mãe morta. Recordo-me, muito novo ainda, de como na grande sala de estar da casa de São Francisco a fotografia da minha mãe, pousada solitária sobre a lareira, parecia reinar sobre aquele espaço. Era como se a fotografia fosse a prova de que o seu espírito dominava o ambiente e nos controlava a todos. Recordo-me das sombras reunindo-se nos cantos mais distantes da sala, na qual nunca me senti em casa, e do meu pai banhado pela luz dourada que o candeeiro de pé alto de leitura ao lado da poltrona derramava sobre ele. Lia o seu jornal, escondendo-se de mim atrás das folhas de modo que eu, desesperado por conseguir alguma atenção da sua parte, o chateava por vezes tanto que o nosso duelo acabava comigo a ser retirado da sala em lágrimas. Ou recordo-me dele sentado e inclinado para a frente, os cotovelos sobre os joelhos, a olhar pela janela grande que mantinha afastada a noite escura. Imaginava no que estaria ele a pensar. Na recordação que tenho dele, está sempre vestido com um pólo cinzento sem mangas, a gravata desapertada e o cabelo cor de palha a cair sobre o seu rosto quadrado e róseo. Era uma daquelas pessoas de riso fácil e pouco dada a zangar-se. Pelo que quando a raiva toma conta dele é impressionante e parece surgir de uma fenda insuspeita, como um fogo prestes a consumir a casa toda.

A sua irmã Ellen, um pouco mais velha do que ele, um pouco mais morena, sempre exageradamente vestida, demasiado maquilhada, o rosto e o corpo a começar a endurecer, coberta de jóias a carambolar umas nas outras sob a luz, senta-se no sofá, lendo; lia muito, lia todos os livros que iam saindo e costumava ir muitas vezes ao cinema. Ou tricotava. Tenho a sensação de que ela andava sempre com uma mala repleta de perigosas agulhas

de tricô ou com um livro, ou ambos. E não sei o que é que ela tricotava, embora suponha que, pelo menos ocasionalmente, tenha tricotado alguma coisa para o meu pai ou para mim. Mas não me recordo disso, tal como não me recordo dos livros que ela lia. Pode ter lido sempre o mesmo livro e pode ter andado a tricotar o mesmo cachecol, ou camisola, ou sabe Deus o quê durante todos aqueles anos em que morámos juntos. Às vezes ela e o meu pai jogavam às cartas — isso era raro; às vezes falavam um com o outro em tom amigável mas trocista — isso era perigoso. As brincadeiras deles acabavam quase sempre em discussão. Às vezes recebiam pessoas e eu tinha autorização para vê-los beberem os seus *cocktails*. Era quando o meu pai estava no seu melhor, jovial e expansivo, movendo-se pela sala apinhada de gente com um copo na mão, enchendo os copos das pessoas, rindo alto, tratando todos os homens como se fossem seus irmãos e flirtando com as mulheres. Não, flirtando, não: empertigando-se como um galo diante delas. A Ellen parecia estar sempre de olho nele, como se estivesse à espera que ele fizesse algo terrível, estava de olho nele e de olho nas mulheres e sim, flirtava com os homens de uma forma tão bizarra quanto exasperante. Lá andava ela, como dizem, vestida para matar, a boca mais vermelha do que qualquer sangue, vestida com algo que era ou da cor errada, ou demasiado apertado, ou demasiado juvenil, o copo do *cocktail* na mão, ameaçando estilhaçar-se a qualquer momento, e a sua voz tinindo ininterruptamente como uma lâmina a deslizar num vidro. Quando a via acompanhada, em miúdo, ficava com medo.

Independentemente do que estivesse a acontecer naquele espaço, a minha mãe estava à espreita. Espreitava da moldura, uma mulher pálida, loura, frágil, de olhos escuros e sobrancelhas direitas, uma boca gentil e nervosa. Mas algo na forma como os seus olhos estavam dispostos

no rosto e nos olhavam de frente, algo ligeiramente sardónico e ciente na expressão da boca, sugeria que sob aquela tensa fragilidade residia uma força tão complexa quanto tenaz e, tal como a fúria do meu pai, perigosa, porque inesperada. O meu pai raramente falava dela e, quando o fazia, conseguia misteriosamente cobrir o rosto; falava dela somente enquanto minha mãe e, na verdade, quando falava dela poderia estar a falar da sua própria mãe. A Ellen falava bastante da minha mãe, falava da mulher extraordinária que ela tinha sido. Mas isso causava-me desconforto. Sentia que não tinha o direito de ser filho de uma mulher assim.

Anos mais tarde, já adulto, tentei fazer com que o meu pai falasse da minha mãe. Mas a Ellen morrera e ele ia casar novamente. Falou então da minha mãe como a Ellen falava da minha mãe e, de facto, poderia estar a falar da Ellen.

Uma noite, tinha eu treze anos, tiveram uma discussão. Discutiam muito, na verdade; mas talvez eu me lembre tão claramente desta porque pareceu ser sobre mim.

Estava na cama, no andar de cima, a dormir. Era bastante tarde. Acordei sobressaltado, com o barulho dos passos dele no passeio sob a minha janela. Pelo som e ritmo dava para perceber que ele estava tocado e lembro-me de nesse momento uma certa desilusão e uma mágoa sem precedentes me trespassarem. Vira-o bêbedo muitas vezes e nunca me sentira assim — pelo contrário, por vezes o meu pai tinha muito charme quando estava com os copos — mas nessa noite senti subitamente que havia algo naquilo, nele, que me merecia desprezo.

Ouvi-o entrar e, logo de seguida, ouvi a voz de Ellen.

— Ainda acordada? — perguntou o meu pai. Estava a tentar ser agradável e a tentar evitar uma cena, mas não havia qualquer cordialidade na sua voz, apenas tensão e exaspero.

— Achei — disse Ellen, friamente — que alguém devia falar contigo acerca do que andas a fazer ao teu filho.

— Que ando eu a fazer ao meu filho? — E estava prestes a dizer algo mais, algo terrível, mas conseguiu conter-se e disse apenas, numa calma resignada, bêbeda, desesperante: — De que raio estás a falar, Ellen?

— Achas mesmo — perguntou ela, e eu tinha a certeza de que estaria no meio da sala, com as mãos juntas, muito hirta e quieta — que és o tipo de homem que ele deveria ser quando crescer? — E, como o meu pai nada dissesse: — Ele está a crescer, sabes. — E logo, com desprezo: — O que é mais do que posso dizer de ti.

— Vai para a cama, Ellen — disse o meu pai, num tom agastado.

Pensei, dado estarem a falar de mim, que deveria descer e dizer à Ellen que o que quer que estivesse mal entre mim e o meu pai eu e ele resolvê-lo-íamos sem a sua ajuda. E talvez — o que era estranho — tenha sentido que ela me estava a desrespeitar a mim. A verdade é que eu nunca tinha falado com o meu pai sobre ela.

Ouvi os seus passos pesados e incertos enquanto atravessava a sala e se dirigia para as escadas.

— Não penses — disse Ellen — que eu não sei onde estiveste.

— Estive na rua, a beber — disse o meu pai. — E agora gostava de dormir um pouco. Importas-te?

— Estiveste com aquela rapariga, a Beatrice. É onde estás sempre e para onde todo o teu dinheiro vai, assim como a tua masculinidade e o teu amor-próprio.

Ela conseguira irritá-lo. Começou a gaguejar.

— Se tu pensas, se tu *pensas*, que vou ficar especado, especado, especado aqui, a discutir *contigo* a minha vida privada… a *minha* vida privada!… se pensas que vou discuti-la *contigo*, deves estar completamente maluca.

— Não me interessa nada o que tu fazes da tua vida. Não é *contigo* que estou preocupada. É só porque és a única pessoa com alguma autoridade sobre o David.

Eu não tenho nenhuma. E ele não tem mãe. E só me dá ouvidos quando acha que isso te agrada. Achas que é boa ideia o David ver-te a entrar bêbedo em casa a toda a hora? E não te enganes a ti próprio — prosseguiu, apaixonadamente —, não penses que ele não sabe de onde vens, não penses que ele não sabe das tuas mulheres!

Ela estava enganada. Não me parece que soubesse alguma coisa acerca delas — ou pelo menos nunca tinha pensado nisso. Mas, dessa noite para cá, pensei nisso todos os dias. Dificilmente podia estar diante de uma mulher sem pensar se o meu pai tinha andado, nas palavras da Ellen, a «interferir» com ela.

— Acho bastante provável — disse o meu pai — que o David tenha uma cabeça menos porca do que a tua.

O silêncio em que o meu pai subiu as escadas foi de longe o pior silêncio que já experimentara. Tentava imaginar no que estariam eles a pensar — cada um deles. Imaginei-lhes as caras. Imaginei o que veria quando olhasse para eles de manhã.

— E ouve — disse o meu pai repentinamente do meio da escadaria, num tom de voz que me assustou —, tudo o que quero para o David é que ele se torne um homem. E quando digo homem, Ellen, não é a um menino de coro que me refiro.

— Um homem — disse Ellen — não é a mesma coisa que um touro. Boa noite.

— Boa noite — disse ele, passado um momento.

E ouvi-o passar, cambaleando, em frente à minha porta.

Daquele dia em diante e com a intensidade misteriosa, arguta e terrível dos muito jovens, desprezei o meu pai e odiei a Ellen. É difícil dizer porquê. Eu não sei porquê. Mas isso permitiu que todas as profecias da Ellen acerca de mim se realizassem. Ela disse que chegaria um tempo em que nada nem ninguém seria capaz de ter mão em mim, nem o meu pai. E esse dia certamente chegou.

Foi depois do Joey. O incidente com o Joey abalara-me profundamente e tivera como efeito tornar-me dissimulado e cruel. Não podia falar do que me acontecera com ninguém, nem o podia admitir a mim mesmo; e, sem nunca pensar nisso sequer, aquilo continuava ali, num recanto da minha mente, tão imóvel e terrível como um cadáver em decomposição. E modificou a atmosfera da minha mente, escureceu-a, azedou-a. Passado pouco tempo, era eu que chegava a casa a cambalear e era eu que encontrava a Ellen à minha espera, e a Ellen e eu discutíamos noite sim, noite não.

O meu pai assumiu aquilo como apenas uma fase inevitável do meu crescimento e não deu grande importância. Mas, sob o seu ar brincalhão, tipo «somos amigões», ele estava perdido, ele estava assustado. Talvez tivesse pensado que o facto de eu crescer nos ia aproximar, ao passo que, agora que ele me tentava conhecer, eu fugia dele a sete pés. Eu não *queria* que ele me conhecesse. Eu não queria que ninguém me conhecesse. E, no entanto, o que se estava a passar comigo e com o meu pai era a situação pela qual os jovens inevitavelmente passam em relação aos mais velhos: eu estava a começar a julgá-lo. E a severidade desse julgamento, que me partiu o coração, revelava, embora não fosse capaz de o dizer naquela altura, o quanto o tinha amado e como esse amor, assim como a minha inocência, estava a morrer.

O meu pobre pai estava confuso e amedrontado. Era incapaz de acreditar que havia alguma coisa de verdadeiramente errado entre nós. E não era apenas porque não saberia o que fazer, mas sobretudo porque ele teria de encarar o facto de que tinha deixado algo algures por fazer, algo da mais alta importância. E como nenhum de nós tinha qualquer ideia do que poderia ter sido aquela omissão tão significativa, e como tínhamos de manter a nossa aliança tácita contra a Ellen, refugiámo-nos numa

cordialidade recíproca. Não éramos como pai e filho, dizia por vezes o meu pai, orgulhosamente, éramos compinchas. Acho que o meu pai às vezes acreditava nisto. Eu nunca acreditei. Nunca quis ser compincha dele; queria ser filho dele. O que em nós passava por franqueza masculina cansava-me e chocava-me. Os pais deviam evitar estarem integralmente nus diante dos filhos. Eu não queria saber — pelo menos não da sua boca — que o seu corpo era tão pecaminoso como o meu. Esse saber não me fez sentir mais filho dele — ou camarada —, fez-me apenas sentir como um intruso, um intruso amedrontado. Ele pensava que éramos parecidos. Eu não queria acreditar nisso. Não queria acreditar que a minha vida seria como a dele, ou que a minha mente se tornaria tão pálida, tão desprovida de pontos sólidos e de declives acentuados. Ele não queria distância entre nós, ele queria que eu olhasse para ele e visse um homem tal como eu o era. Mas eu queria a distância misericordiosa entre pai e filho que me teria permitido amá-lo.

Uma noite, bêbedo, bati com o carro cheio de gente ao regressar de uma festa fora da cidade. Culpa minha, completamente. Estava tão bêbedo que mal conseguia andar, quanto mais conduzir. Mas os outros não sabiam disso, dado que sou daquelas pessoas que consegue parecer e soar sóbrio estando na verdade quase a desmaiar. Numa recta da auto-estrada aconteceu algo estranho à minha capacidade de reacção e perdi subitamente o controlo do carro. E do nada da noite surgiu-me pela frente um poste de linha telefónica, branco como a neve; primeiro ouvi gritos e logo depois um barulho ensurdecedor. Ficou tudo vermelho, e logo a seguir tudo tão claro como o dia e eu acabei por naufragar numa escuridão que nunca experimentara.

Devo ter acordado quando nos estavam a levar para o hospital. Recordo-me vagamente de movimentos e de vozes, mas pareciam-me muito distantes, pareciam

nada ter que ver comigo. Mais tarde acordei num sítio que pareceu ser o próprio coração do Inverno: um tecto alto e branco, paredes brancas e uma janela glacial inclinada, pareceu-me, sobre mim. Devo ter tentado levantar-me, porque me lembro de um barulho insuportável na cabeça e depois de um peso no meu peito e de um rosto enorme sobre mim. E este peso e este rosto arrastaram-me de novo para baixo. Gritei pela minha mãe e tudo escureceu novamente.

Quando finalmente recobrei os sentidos, o meu pai estava à cabeceira da cama. Sabia que ele estava ali antes mesmo de o ver, antes de os meus olhos conseguirem focar e de eu virar a cabeça. Quando percebeu que eu estava acordado, aproximou-se cuidadosamente da cama, fazendo-me sinais para não me mexer. Pareceu-me extremamente envelhecido. Tive vontade de chorar. Por momentos, ficámos apenas a olhar um para o outro.

— Como te sentes? — murmurou, finalmente.

Quando tentei falar, percebi que tinha dores e tive medo. Ele deve ter lido isso nos meus olhos porque disse, muito baixinho, numa maravilhosa intensidade, carregada de dor:

— Não te preocupes, David. Vais ficar bem. Vai ficar tudo bem.

Não conseguia dizer nada. Olhava simplesmente para o rosto dele.

— Vocês, miúdos, tiveram imensa sorte — disse, tentando sorrir. — Tu és o que está em pior estado.

— Eu estava bêbedo — disse-lhe finalmente. Queria contar-lhe tudo, mas falar causava-me imensas dores.

— Vocês não tinham nada melhor para fazer — perguntou com um ar extremamente desconcertado, pois isto era de facto algo com que podia espantar-se — do que se meterem num carro bêbedos? Não têm juízo? — disse com severidade, cerrando os lábios. — Podiam ter morrido todos. — A sua voz tremeu.